

UMA CRÍTICA DE OLHOS LIVRES

Peron Rios

Professor do Colégio de Aplicação da UFPE

Doutorando em Literaturas de Língua Portuguesa pela Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3

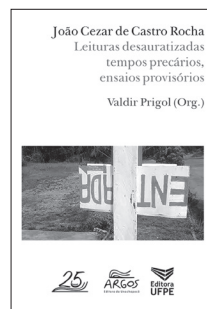
Quando mais nada resistir que valha
a pena de viver e a dor de amar
E quando nada mais interessar
(nem o torpor do sono que se espalha)

Quando pelo desuso da navalha
A barba livremente caminhar
e até Deus em silêncio se afastar
deixando-te sozinho na batalha

Arquitetar na sombra a despedida
Deste mundo que te foi contraditório,
Lembra-te que afinal te resta a vida

Com tudo que é insolvente e provisório
e de que ainda tens uma saída
Entrar no acaso e amar o transitório.

("A solidão e sua porta", Carlos Pena Filho)



CASTRO ROCHA,
João Cezar de. *Leituras
desaturadas: tempos
precários, ensaios
provisórios*. Rio de
Janeiro: Record, 2017

A QUEM PORVENTURA TRAGA OS OLHOS LIMITADOS POR UMA VISEIRA estreita ou por alguma sorte de pessimismo inerte, o momento em que vivemos oferece apenas as evidentes precariedades. Todavia, se é indiscutível que, hoje, algumas veredas apresentam obstáculos de monta, é igualmente notório que novas potencialidades se franqueiam, numa forma e numa velocidade jamais experimentadas. No volume *Leituras desaturadas: tempos precários, ensaios provisórios*, recém-lançado numa parceria entre a Argos (Editora da Unochapecó) e a Editora

UFPE, o crítico e professor João Cezar de Castro Rocha, na contramão dos discursos imobilistas, propõe saídas intelectuais para tempos recessivos como o nosso. Com exceção do texto “Por uma nova história do *boom* latino-americano”, que ganhou corpo no caderno Ilustríssima, da Folha de S. Paulo, o livro, organizado e prefaciado por Valdir Prigol, se compõe de ensaios inicialmente publicados na coluna “Nossa América, nosso tempo”, do jornal literário Rascunho, de Curitiba.

O tom e o tema são, desde o início, de combate, conforme lemos já na página 23:

O sistema político brasileiro ameaça entrar em colapso, abalado pela sucessão em aparência interminável de escândalos. *School of Scandals* – nada menos! É como se o título da peça de Richard Brisley Sheridan tivesse sido transportado da rumorosa Londres setecentista para a distópica Brasília do século XXI (CASTRO ROCHA, 2017, p. 23)¹.

Em outros termos, deve-se entrar no acaso e amar o transitório: aceita-se vigorosamente o preceito moderno de abandonar pretensões adâmicas. Longe de existir uma voz pura, entende-se que tudo já é herança e diálogo.

O estilo do *escritor* João Cezar de Castro Rocha é nítido e marcado – um idioleto estético. Embora não devamos recair na ingenuidade de supor qualquer forma de espontaneísmo teórico (o que seria quase uma contradição nos termos), por vezes temos a sensação de acompanhar – como o Santo Agostinho de Antonio Rodríguez – o autor pensando. Hipóteses são lançadas, hesitações dão-se a ver, leitores desatentos são machadianamente censurados. É nesse voluntário caleidoscópio especulativo que podemos ler, por exemplo, estimulante análise d’*O coração das trevas*. Ali, então, flagramos:

Ao fim e ao cabo, nem sempre há o desejo de investigar as origens dos impérios e das potências. (Ou das riquezas familiares. Os herdeiros preferem contentar-se com o futuro; por que levar adiante pesquisas impertinentes acerca do passado?) (p. 112).

Sem necessariamente desenvolver o tema, o poder de sugestão é suficiente para provocar o potencial imaginativo de um leitor eventualmente inerte ou letárgico. Apesar disso, o autor revela seu desejo de, ancorado no caos, atracar-se a uma forma possível

1 As próximas citações do livro resenhado trarão apenas o número das páginas-fonte.

– pressuposto da inteligibilidade. O propósito revela-se na denominação “coda” com que encerra cada excerto: em uma palavra, cada texto pretende-se cosmo ou, especificamente, *sonata*. Marcas de conversação direta com os interlocutores aparecem e – detalhe de extrema relevância – exclamações denotam um crítico com o vigor do entusiasmo, em êxtase com algum flagrante de interpretação. Aqui, podemos notar que o distanciamento do pensador de modo algum exclui a paixão do intelecto.

Palavra central nas especulações que o volume acumula, *desaturatizar* remete, como bem lembramos, a um clássico ensaio de Walter Benjamin, publicado em 1936 e intitulado “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. Ali, temos por argumento nuclear o fato de que a reprodutibilidade técnica (já não apenas manual) das obras artísticas retiraria a sua *aura*, a saber, sua singularidade no “aqui e agora”. João Cezar de Castro Rocha elimina de tal circunstância qualquer sombra possível de nostalgia paralisante e insiste que sempre é viável se extrair, do precário, a invenção – princípio fundamental da arte. Sem garantias, sem rede de seguranças ou *guard-rails*: o verbo expressa, portanto, a metáfora do risco e do ensaio. Aqui, devemos lembrar Nabuco (*Minha formação*): no *mare magnum* da inteligência, não há possibilidade de ancoradouro. Na escrita de João Cezar, a antítese que nos constitui é procedimento incontornável e vem compor o lacunar e o provisório. É quando o preceito lógico do *tertium non datur* entra em suspensão e, longe de configurar um mal, incorpora-se ao jogo dialético, ampliando o olhar sobre os fenômenos. Por defender uma tal multiplicidade vetorial, o autor elogia o choque de percepções, por exemplo, do Boaventura Sousa Santos sociólogo e do Boaventura poeta, escritor literário. A isso, o ensaísta carioca nomeia “estrabismo criativo” (p. 118). Vale para João Cezar o que ele próprio destaca em Sousa Santos: “Sua apreensão das palavras e das coisas demanda a incompletude como método, tornando a ausência e a falta objetivos, nunca obstáculos” (p. 125). Nesse ponto específico, poderíamos dizer que, assim como José Gaos, sobre cuja filosofia *Leituras desaturatizadas* guarda um capítulo, João Cezar de Castro Rocha utiliza a contradição como caminho.

Nota de acostamento: o crítico, ao tratar da poesia de Sousa Santos, apoia-se no aprofundamento semântico e no largo jogo intertextual, sem que dedique, no entanto, maior investimento na exploração da linguagem em sua micrologia estilística e estética – que efetivamente consolida o texto em sua natureza de arte. E parece que a rarefação linguística da poesia contemporânea, lida

com percepção microscópica, guarda sinais justamente dessa falta que o contemporâneo expressa. Sem render-se, todavia, a um silêncio que a elimine.

Retomando a via principal: João Cezar mantém-se fiel à proposta flagrada no subtítulo da coletânea e, em vez de aguardar a formulação “definitiva” de um conceito, o enuncia em fase de ensaio e teste – sem esconder em nenhum momento, ao seu leitor, a provisoriedade da ideia:

Permito-me tal digressão ligeiríssima – e você perdoará a palidez do esboço – para acentuar, por efeito de contraste, determinado aspecto da cena contemporânea.

Vamos lá.

Eis:

(Advirto: o que segue também será insuficiente, pois se trata de hipótese que carece de maturação. Pensemos juntos:) (p. 96).

Ou ainda: “E a escrita ensaística convida a formular o que apenas se intui” (p. 190). Na defesa da ação permanente, mesmo diante da precariedade, talvez aqui se profile uma lição bandeiriana: do mal intenso, extrai-se a ironia sutil e engenhosa, e, do artifício, elabora-se a saída urgente:

A estrutura tanto das casas mais pobres quanto das edificações mais sólidas [numa aldeia indígena visitada] me deixou sem chão: uma miríade de elementos dispare amontoada sem método aparente, como se um *bricoleur* tirânico, leitor apressado de Platão, houvesse expulsado todos os engenheiros da cidade (p. 31).

Esta, portanto, a aura que envolve os textos: se Wittgenstein nos impunha o dever de calarmos diante da impossibilidade da expressão, João Cezar vem trazer o imperativo de, perante as restrições de toda ordem, continuarmos a dizer e a colocar a nossa voz no silêncio que se instala. De outra forma: daquilo que não se pode falar, imaginativamente se inventa. Frente às renitentes sentenças de morte que inúmeros críticos insistem em lançar à cena contemporânea – dadas as suas supostas fraquezas insolúveis –, o ensaísta é não apenas claro, como também irônico (marca notável de sua escrita): “Reitere-se: diante da vitalidade que começa a caracterizar, vislumbrar o ‘vazio’ não deixa de ser uma façanha intelectual...” (p. 52). A visão recursivamente apocalíptica de certa crítica é claramente nublada por uma onipresente petição

de princípio: a literatura contemporânea é ruim porque se perfaz de escritores que não devem ser lidos porque são ruins. Castro Rocha usa como antídoto para tal veneno aquilo que exige da leitura alheia: a descrição minuciosa, a ser praticada em larga escala. Método científico por excelência, que a crítica literária deveria aprender de sua vizinha de porta, a Linguística. Com efeito, foi exatamente através de um incansável esforço descritivo da linguagem que, sem uma axiologia apriorística, os linguistas puderam refutar com ênfase os juízos recorrentemente escatológicos dos gramáticos normativistas.

A partir de semelhante modelo de labor é que João Cezar de Castro Rocha pôde, por exemplo, extrair um diagnóstico do fim do suplemento Sabático, d'O Estado de S. Paulo (a saber: o fervor dos eventos literários, em boa medida, já viabilizava uma divulgação de autores e obras que antes eram conhecidos principalmente através dos cadernos literários). Sem assumir um ponto de vista *a priori*, o professor da UERJ esquadrinhou, em 2013, perfis e publicações dos periódicos de cultura em circulação entre nós – extrapolando, aliás, o batido e debatido eixo Rio-São Paulo. Por um método indutivo com densa amostragem, construiu um panorama lastreado mais em dados que em impressões. Seguindo a mesma senda metodológica, Castro Rocha, com uma forma absolutamente arejada de elaboração, faz de *Leituras desaturizadas* uma obra de teoria cultural que parte, vivamente, de uma pesquisa de campo. Vemos ali a micrologia de um sociólogo-escritor. Em caráter de denúncia, escreve com o teor descritivo-narrativo de uma ficção:

Seguindo a trilha da Madeira-Mamoré, chegamos ao Sítio Arqueológico Vila de Santo Antônio. A fotografia que você encontrou na capa deste livro foi tirada no seu estacionamento: "Entrada" de ponta-cabeça, metonímia da precariedade sem mais, tal qual, pura e dura. [...] A irregularidade da vegetação a seu redor esclarece de imediato o abandono em que se encontra o complexo cultural. Caprichosamente a erosão mostra-se mais atuante nas letras que designam o então estado de Matto G... E mesmo o TO encontra-se quase ilegível. O tempo encarregou-se de reduzir a geografia humana a proporções modestas. O visitante se aproxima da placa comemorativa e não acredita no texto que ela promete: "Restaurado em 2004 pela Santo Antônio Energia SA". Consta inclusive o nome do restaurador: Júlio Carvalho. Em uma década apenas, a aparência é de uma ruína secular, propriamente arqueológica (p. 30).

Em outro momento, ao analisar uma tela do pintor novo-hispano Antonio Rodríguez, João Cezar descreve minuciosamente o quadro ao leitor que, eventualmente, ainda não o conheça. Mas àqueles que podem vê-lo, embora de forma desaturizada – reproduzido em gravura, como ele propõe na nota de rodapé –, a minúcia descritiva atua como decifração. É quando o autor sublinha: “[...] eis que Antonio Rodríguez inscreve na folha em branco a frase que Agostinho deixou incompleta: *In principio erat Verbum*. Isto é, a abertura do Evangelho de João, aqui citado pela Vulgata, de São Jerônimo” (p. 301). Note-se que, nesse instante, o pensador incorpora o sentido etimológico do teórico: vê com atenção o que outros – por limitação material – não tiveram a chance de presenciar, e pinta rigorosamente, com o verbo, o evento que vislumbrou. Não parece casual que as imagens do que ele apresenta verbalmente sejam veiculadas – e com notável qualidade – no volume: forma reforçada de, sem aura e no papel, subtrair empecilhos que o seu leitor porventura encontre. Ação generosa e inadiável, dadas as condições restritas de acesso a que muitos intelectuais e artistas se veem circunscritos:

[...] No caso da tradição pictórica do período colonial na América Hispânica, os artistas locais apropriaram-se da tradição europeia especialmente por meio da circulação de gravuras. Um pintor consagrado como Cristóbal de Villalpando jamais teve diante dos olhos uma única tela de Peter Paul Rubens, pintor de sua predileção. As emulações que esboçou do mestre flamengo tiveram como ponto de partida o estudo cuidadoso de gravuras e de cópias, realizadas em telas de dimensões reduzidas, precisamente para facilitar seu trânsito. Arte radicalmente sem aura porque alheia à ambição da origem: arte desaturizada (p. 29).

IMITAÇÃO E EMULAÇÃO

A reformulação de vocabulário, proposta por Castro Rocha já no início do livro, é um procedimento vital para que o olhar renovado não se prejudique por lentes antigas e viciadas. Não por acaso o autor nos destaca a etimologia da palavra seleta *inventio*:

Inventio: substantivo do verbo “*invenire*”.

Isto é, inventar significa recombina elementos prévios, arranjar de modo próprio relações já existentes. Por isso, “La flagelación”, de Nicolás Enríquez, é uma invenção, pois parte deliberada e explicitamente do texto de Maria de Jesús de Ágreda (p. 304).

Fundamental, para enfatizarmos a urgência do arejamento vocabular, o texto de Leyla Perrone-Moisés “A criação do texto literário”, presente em *Flores na escrivania*. A criação, lembra a autora de *Altas literaturas*, remete a uma concepção divina e romântica da obra de arte, surgida *ex nihilo* ou, se preferirem, *ab ovo*, o que evidentemente pressupõe uma origem. Daí a invenção – procedimento notadamente moderno – ser uma palavra mais justa e rentável para os debates que o volume sugere: o remanejamento constante da tradição, seja por paráfrase, pastiche, paródia ou apropriação, é o que vem dar oxigênio ao corpo milenar das artes. Dissolução das origens significa, igualmente, revisão vigorosa dos lugares historicamente consolidados como centro e margem, fonte e receptáculo, rio e estuário. João Cezar de Castro Rocha ajusta o foco e apresenta aos olhos saturados o trânsito interno de rivalidade e conflito de toda instância criadora.

Nesse jogo das colisões, o organizador de *Antropofagia hoje?* expõe um denso tecido reflexivo, que traz como fios as literaturas “periféricas” de Machado de Assis, Domingo Faustino Sarmiento e as estratégias de imposição que semelhantes literatos utilizam frente às culturas hegemônicas. O filósofo mexicano Antonio Caso é recuperado para desenvolver o que seria um *Leitmotiv* do pensamento de Castro Rocha: os vínculos, e suas consequências, entre imitação e emulação que os latino-americanos – não por essência, mas circunstância histórica – estabelecem na produção de sua própria cultura. Aqui, porém, o que parecia detalhe extrapola: “Caso intuiu que a imitação não é fruto de uma lacuna do caráter mexicano, antes ela expressa um dado estrutural da condição humana” (p. 176-177). René Girard e sua teoria mimética agora assomam no debate como passagem obrigatória a redimensionar o impasse, uma vez que, “no pensamento girardiano, em lugar de autônomo, o sujeito se constitui a partir da presença necessária de um mediador” (p. 179). No fim das contas, tudo isso serve como obstáculo importante às aspirações ingênuas de isolamento e pureza, geralmente confundidas com as ideias de autonomia e força. Aliás, toda cultura que se pretende autônoma pela utopia da pureza desemboca em paradoxos, como nos revelou Leyla Perrone-Moisés, em *Vira e mexe, nacionalismo*. O próprio emblema nacional, o indígena, foi sugestão do olhar estrangeiro de Chateaubriand, nos informa Leyla. Talvez ainda nos dissesse Didi-Huberman: “O que vemos só vale – só vive – pelo que nos olha” (*O que vemos, o que nos olha*). Isolado, sem uma comunicação consanguínea, todo tecido necrosa.

Entre as tantas contradições presentes em nossa própria leitura do Brasil, flagra João Cezar a da elaboração de nosso imaginário sempre a partir da percepção forânea:

A [exposição] Brasiliana do Itaú Cultural implica um desafio que segue atual: reconhecer que a ideia de Brasil foi formulada através de um paradoxo, cujas consequências ainda hoje delineiam os impasses da cultura brasileira (p. 328).

A própria “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, sugere que o olhar alheio é que, efetivamente, nos define, como nos faz notar o autor, em análise desse nosso clássico poema:

[...] O emprego solidário do advérbio *mais* desestabiliza a identidade prometida pelo pronome possessivo, pois, agora, tudo depende de uma operação comparativa entre, digamos, A e B, vale dizer, Portugal e Brasil, ou seja, o *aqui* e o *lá* da primeira estrofe. Compreenda-se o alcance do que se diz: o Brasil, utópica coisa-em-si, é *sem nenhum caráter*. Apenas pelo estabelecimento de contrastes com um outro qualquer, o país se torna algo, transitório – bem entendido (p. 376-377).

Daqui se extrai a vigorosa hipótese de José Guilherme Merquior, no ensaio “O poema do lá” (*A razão do poema*), segundo a qual, justamente por não possuir características por si própria e específicas, a pátria não receberia adjetivos no corpo do texto gonçalvino.

Negando hipostasias de toda ordem, *Leituras desaturatizadas* ensina aos estudos culturais de vertente norte-americana o quanto não podemos inverter, simploriamente, o poder das polaridades centro/periferia – erro tão comum no discurso crítico atual. Exatamente nesse aspecto a dialética infinita de Derrida é admirável: pelo esforço ininterrupto de pensamento, de encontrar uma quadratura do círculo. É disso que se trata, quando surpreendemos o trecho que segue:

Atribuir ao lugar periférico habilidades especiais – seja na criação, seja na reflexão – implica transformar um dado histórico em forma artística ou em experiência de pensamento sem o esclarecimento das indispensáveis mediações entre níveis tão diversos (p. 189).

Pensar a América Latina hoje significa sobretudo recusar o essencialismo exótico – estratégia ingenuamente involuntária ou voluntariamente perversa, utilizada pelos espaços

hegemônicos, para reduzir o impacto dos artistas “à margem” ou de lá oriundos. Um modo capcioso de os lugares hegemônicos agirem, nesse sentido, é neutralizar o alcance efetivamente estético das obras, desconsiderando tal critério (os artistas jogariam, para retomar a metáfora lúdica, na condição de “café com leite”). Claro: os espaços latino-americanos, então, já não configuram uma possibilidade de problematização artística, mas tão somente assunto, paisagem ou, no máximo, pretexto para alguma pálida análise sociológica. Foi o que ocorreu na exposição *Under the Same Sun – Latin American Art Today*, que teve lugar no Museu Guggenheim, de Nova Iorque, em 2013, denunciada e aferida em *Leituras desaturizadas*.

Lição que se pode aprender: numa realidade ontológica em que a constituição do ser e do mundo existe em função do olhar – e, portanto, da interpretação do mundo e de si –, pensar na pureza de uma origem é algo que não parece muito verossímil ou viável. Em medida considerável, o livro nos enfatiza a premissa: nossas verdades são feixes hermenêuticos, e as mudanças de ponto de vista em relação a um mesmo objeto o demonstram (a referida “Canção do exílio” lida por Antonio Candido, por Aurélio Buarque de Holanda e por José Guilherme Merquior; ou ainda a reinterpretação de Castro Rocha da releitura de Hellen Caldwell, ambas relativas ao *Dom Casmurro*).

“

Leituras desaturizadas
 ensina aos estudos culturais
 de vertente norte-americana
 o quanto não podemos
 inverter, simploriamente,
 o poder das polaridades
 centro/periferia

A desestabilização geopolítica ou a revisão de uma tal fixidez obrigam João Cezar de Castro Rocha, já em *Culturas shakespearianas*, a reformular os termos *centro* e *periferia*, demasiado unívocos, que dão vez às concepções de culturas hegemônicas e não hegemônicas, o que transpõe certo determinismo econômico e alcança o que de fato é nuclear: culturas exercem fascínio, mais do que locais economicamente privilegiados. Nessa relação de ascendência e submissão, o subalterno pode se libertar do olhar medusante por um duplo lance de espelhos: usando aquele que reflete e um outro que deforma. O indivíduo encantado reproduz para aprender e rivaliza para ampliar (variação da máxima poundiana, o *make it new*). Bastaria, para ilustrar o fenômeno, lembrar Pablo Picasso estudando, imitando e emulando Henri Matisse, e o jovem Machado de Assis lendo, avaliando e refazendo o consagrado Eça de Queiroz. Mas os impactos da estratégia da *aemulatio* extrapolam os já relevantes sucessos individuais: favorecem a criação de cenários que, sem o ingrediente apimentado da rivalidade, se tornariam absolutamente improváveis. Sem dúvida, foi, em muito, o sentimento de confrontação que gerou o que hoje conhecemos como o *boom latino-americano* – composto, entre outros tantos, por Vargas Llosa, García Márquez, Carlos Fuentes, Julio Cortázar. Ilustrando e interpretando o fenômeno à luz da poética da emulação, enraizada na teoria mimética de Girard, João Cezar de Castro Rocha apresenta, em sua obra, os diálogos e os propósitos desses prosadores, envolvidos num projeto que rendeu frutos pessoais e ampliou as fronteiras criativas da América Latina.

Leituras desaturizadas, enfim, é um livro em muitos aspectos exemplar: pela recusa ao silêncio em contextos adversos, pela atenção estética e escritural, pela mudança dos eixos e dos alvos, nos quais insiste a crítica hegemônica. O arco dos assuntos, o rigor das análises e a erudição viva que os possibilita são, igualmente, qualidades a se admirar, *imitar e emular*. João Cezar de Castro Rocha, como José Guilherme Merquior, nos recorda, mais uma vez, que a cinética reflexiva constitui o dever moral a que todos nós, sem esmorecimento, precisamos nos impor. E adotando a liberdade por princípio, os olhos livres como método.